



Marcelo afirma que a correnteza compromete as casas restantes e impede a pesca do caranguejo, camarão e do peixe

Tapeba sofrem com enchente

Rio Ceará destrói casas e prejudica sobrevivência

Barracos destruídos pela força do Rio Ceará, falta de trabalho, alimento e sem qualquer ajuda na área da saúde. Essa é a situação dos Índios Tapeba e toda a comunidade residente às margens do Rio Ceará (Caucaia). Conforme o tapeba Marcelo Rodrigues Teixeira, todas as casas estão comprometidas. As famílias vivem o desespero dos barracos sendo arrastados pela correnteza do rio.

Filho do Cacique dos tapeba Francisco Rodrigues Teixeira, Marcelo diz que a comunidade indígena, composta de cinco famílias, sobrevive da pesca de peixes, caranguejo, camarão e de peixes, mas com as chuvas eles não podem trabalhar. "É que o Caranguejo fica enterrado e não temos como pegar. A correnteza do rio não deixa a gente pescar o peixe. Assim a gente fica sem trabalho", diz, solicitando ajuda dos órgãos oficiais de defesa civil.

COMUNIDADE BRANCA

Para o líder comunitário da comunidade residente na área dos índios Tapeba, Raimundo Ferreira Freitas, não somente a comunidade dos Tapebas estão necessitando de auxílio urgente. "É que a imprensa costuma mostrar somente o sofrimento dos Tapeba, um pequeno grupo de cinco famílias quando na verdade a comunidade toda conta com umas 45 casas. Para ser sincero, a comunidade carente é formada na maioria de brancos, mas a ajuda do Governo ou Prefeitura só vem para os Tapeba e nós ficamos sem nada", desabafou.

Conforme Dona Marli Lucínelde Teixeira, a população, além de ter suas casas invadidas pelas águas não pode mais trabalhar com a busca de caranguejos devido a proibição do Ibama. "Mas se a gente não pode trabalhar no único local que temos como fonte de renda, o que devemos fazer?" questiona. Já Francisca Cirene, mãe de três crianças, afirma que por falta de emprego coloca os filhos para pedir ajuda nas ruas. "A gente não tem outra saída. O que fazer? Não temos apoio de

ninguém, o Governo não vem aqui e prefeitura não quer saber", completa.

A situação obriga os pescadores a deixar os barcos parados e se empenhar na venda de arcaia grossa. Alguns homens vendem o produto, mesmo sabendo da proibição por parte do Ibama. "As autoridades do governo só sabem proibir, mas precisamos é de ajuda, porque nossos filhos estão passando fome e não temos de onde tirar o pão nosso de cada dia. O Ibama não dá alimento para os nossos filhos", desabafa dona Maria Madalena Ferreira Forte que teve a casa destruída na noite da última quarta-feira.

Outra que perdeu o barraco é dona Edlir Marques da Costa, residente às margens do rio Ceará. A comunidade vem acolhendo as famílias que perdem seus barracos, mas na verdade todos estão na mesma situação, com as construções comprometidas, correndo o risco de sofrer o desabamento a qualquer hora. "É preciso um grito de socorro, urgente. O pessoal está pedindo esmola, porque não está podendo trabalhar e apesar de contar com médico duas vezes por semana, não tem remédio", ressaltou Raimundo Ferreira.

192

713

790

7

88